

## MISSIONÁRIOS POLONESES NO BRASIL

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr*

No presente trabalho apresentaremos um esboço histórico da presença do clero polonês no Brasil. Dentro desse quadro serão também apresentadas as condições de vida e de trabalho dos pioneiros, bem como dos atuais missionários poloneses nesse país. Com as informações contidas neste capítulo, o autor busca apresentar, ao menos de maneira geral, as realizações dos missionários e missionárias que vieram da Polônia ao Brasil.

### **1. Assistência prestada pelo clero polonês no Brasil**

Mesmo com um olhar superficial para a história da emigração polonesa ao Brasil, não se pode deixar de perceber a presença do clero polonês. Sobretudo em razão dos imigrantes poloneses, começaram também a vir a esse país padres e religiosas da Polônia, a fim de lhes prestar assistência, e não apenas espiritual.

O pe. Wojciech Sojka escreve: "... a respeito dos pioneiros da pastoral polonesa no Brasil lê-se raramente e pouco, e fora do Brasil, quase nada"<sup>1</sup>. Vale a pena, portanto, dedicar estas páginas da presente monografia justamente a esses pioneiros e aos seus sucessores, para que o leitor polonês, e também o brasileiro, possa familiarizar-se com o trabalho dos missionários poloneses nesse país.

Os religiosos poloneses que vieram ao Brasil no primeiro período pertenciam ao clero diocesano. A maioria deles era constituída por religiosos<sup>2</sup>. Não nos esqueçamos do fato de que no período da vinda deles ao Brasil justamente as potências ocupantes estavam exterminando as ordens religiosas em terras polonesas. Após 1863 foram liquidadas as ordens religiosas na zona de ocupação russa, e após 1875, na zona de ocupação prussiana. Assim, pois, no primeiro período vinham ao Brasil não tanto padres diocesanos como secularizados<sup>3</sup>.

Como um dos primeiros religiosos poloneses que chegou a esse país deve ser considerado o padre Alberto Męciński, um missionário jesuíta. Ele veio ao Brasil casualmente em 1631. Mais tarde o pe. Męciński, com a idade de 42 anos, morreu como mártir no Japão<sup>4</sup>.

Entre os imigrantes poloneses que após a queda do Levante de Janeiro vieram ao Brasil, encontramos também religiosos católicos. E assim, em 1965 veio o pe. Carlos Mikoszewski, e em 1869 o pe. José Juskiewicz<sup>5</sup>.

Como foi assinalado acima, a vinda do clero polonês a esse país relaciona-se, sobretudo, com o início da imigração polonesa ao Brasil. Os padres, religiosos e religiosas vinham da Polônia para se dedicar ao trabalho pastoral entre os imigrantes poloneses, mas não apenas a isso. Como um dos primeiros padres que vieram da Polônia ao Brasil e prestaram assistência aos imigrantes é considerado o pe. Antônio Zieliński, participante do Levante de Janeiro<sup>6</sup>.

Em 1875 vieram ao Brasil outros padres poloneses: Mariano Giżynski, Ludovico Przytarski, Francisco Soja, Ladislau Grabowski, João Nepomuceno Adamowski, e posteriormente João Kominek, Boleslau Bayer, João Rzymełko, José Anusz. O pe. João Pitoń CM, que por muitos anos foi reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, elaborou uma relação dos padres diocesanos que vieram a esse país nos anos 1865-1914. Desse trabalho resulta que: em 1865 veio o pe. Carlos Mocoszewski, em 1867 o pe. Antônio Zieliński, em 1869 o pe. Mariano Giżynski e o pe. José Juskiewicz, em 1875 o pe. Ludovico José Przytarski, em 1878 o pe. Ladislau Grabowski e o pe. Francisco Gurowski (seu nome aparece de diversas formas: Guranowski, Górowski, Guroński), em 1883 o pe. João Adamowski, em 1885 o pe. Alberto Solek (alguns fornecem o seu sobrenome

como Sulek), em 1887 o pe. Francisco José Soja, em 1889 os padres Paulino Domainski, André Dziadkowiec e João Peters, em 1890 o pe. Casimiro Andrzejewski, em 1891 os padres Francisco Chyliński, Sigismundo Chelmicki, Martim Modrzejewski (alguns autores escrevem Mozejewski) e Ladislau Smoluch, em 1895 os padres Antônio Cuber, Aleixo Iwanow, Miguel Słupek e Tiago Wróbel, em 1896 os padre Vicente Bronikowski, Estanislau Fróg, José Fuliński, Gabriel Kraus, Alberto Młynarczyk, Leão Niebieszczański, Matias Piech e Antônio Rymar, em 1897 o pe. Alberto Dynia, em 1898 os padres João Miętus e João Rokosz, em 1899 os padres Cesário Wszyński e João Wołyncewicz, em 1901 o pe. Tadeu Stankiewicz, em 1903 o pe. José Anusz, em 1905 os padres Adolfo Kruszewski e João Marek, em 1908 os padres Leonardo Starzyński e Estêvão Stawianowski, em 1914 o pe. Vicente Hypnarowski. Dentre os padres verbistas, o primeiro a chegar foi o pe. Carlos Dworaczek (1900). Por sua vez dentre os padres vicentinos – os padres Boleslau Bayer, Hugo Dylla e Francisco Chylaszek (1903)<sup>7</sup>.

Neste ponto parece ser digno de registro o apelo dos imigrantes que pediam um sacerdote polonês. A revista *Przegląd Emigracyjny*, editada em Lvov, publicou uma carta enviada no dia 15 de março de 1893 de São Mateus do Sul (PR) por Antônio Z. Bodziak. Apresentamos a seguir o conteúdo dessa correspondência:

*Em nome dos colonos da colônia S. Mateus e das colônias próximas, que contam mais de 10.000 almas, solicito a Vossa Excelência, como uma pessoa que se preocupa com o destino dos emigrantes, que se digne nos informar ou mesmo providenciar um padre que queira vir para verdadeiramente se dedicar aos seus patrícios. Em razão da política brasileira, e parece até que a política moscovita e alemã têm nisso a sua participação, as autoridades eclesiásticas brasileiras apresentam diversas dificuldades, não querendo que padres poloneses se fixem nas colônias polonesas, oferecem-lhes outros postos, e parece que nem querem ter padres poloneses. Já estava para se estabelecer um dos padres recém-chegados; mas essa esperança está desaparecendo, em razão de ele não ter autorização das autoridades ou não querer estabelecer-se nesse lugar, esperando que os colonos primeiramente depositassem certa importância com o objetivo de sustentá-lo, e uma importância bastante significativa, pelo que os colonos não podiam decidir-se, porque querem pagar a um padre permanente, e não a um que chega apenas para uma semana ou duas e depois vai embora, como já aconteceu. A renda anual, ou seja, o salário permanente apenas em S. Mateus, além das colônias próximas, é de 2.500 mil-réis, ao que se somam os lucros da igreja, o que no total pode chegar a 8.000 mil-réis. A alimentação é excelente, e além disso existe uma casa paroquial com um grande jardim. Para não ter dificuldades futuras, o padre que queira vir providencie junto à sua autoridade eclesiástica apenas a ordem de estabelecer-se em S. Mateus e, se não for possível de outra forma, que venha como missionário. Nesse caso as autoridades locais não poderão opor qualquer resistência. Se o padre não tiver recursos próprios para viajar, os colonos imediatamente enviarão a Vossa Excelência a importância exigida. Acrescento que aqui é necessário um padre com vocação, um bom patriota, e então será possível fazer muita coisa com o nosso povo. Mas, se um padre aqui não aparecer e não se estabelecer, não se pode mais contar com os poloneses de S. Mateus; em pouco tempo eles se tornarão selvagens nesta liberdade brasileira e assumirão, como já começam a assumir, o espírito brasileiro, e seus filhos em breve renunciarão à sua identidade polonesa. É uma grande obrigação de todo polonês empenhar-se para que não se percam de uma vez por todas tantas forças polonesas<sup>8</sup>.*

Numa outra carta, do dia 20 de junho de 1893, Antônio Z. Bodziak escrevia:

Diante da situação apresentada por um dos imigrantes, a revista *Przegląd Emigracyjny* – no número citado pelo autor – transcreveu da *Gazeta polska w Brazylii* um trecho de um artigo intitulado “A nossa posição”, publicado no dia 22 de julho de 1893. Vale a pena citar alguns trechos do mencionado artigo:

*Em terra brasileira estabeleceram-se alguns milhares de poloneses, que sem exceção pertencem à Igreja católica, e no entanto recebem dela no Brasil um tratamento de madrastra. A população polonesa, profundamente católica, acostumada à Igreja e aos seus ritos, hoje está privada do que exteriormente atrai o homem a Deus, privada dos meios da graça que conduzem à salvação, permanecendo exposta ao perigo de perder a fé, e com isso também a sua identidade nacional. Bem sabemos que o polonês, ao se privar da fé, priva-se também da sua nacionalidade, e são muitos os casos desse tipo que aqui ocorrem. Os poucos sacerdotes poloneses que se encontram aqui para a assistência espiritual não serão suficientes para todo o país. (...) Atualmente a defesa da nossa população está apenas nos sacerdotes poloneses e no ritual eclesialístico, porque as escolas polonesas, que existem em pequeno número, não são suficientes<sup>9</sup>.*

A primeira congregação religiosa que iniciou a sua atividade em território brasileiro, no ocaso do século XIX e no início do século XX, foi a Congregação do Verbo Divino (verbistas)<sup>10</sup>. Os verbistas vieram ao Brasil em 1895. Iniciaram o seu trabalho no Estado do Espírito Santo. Vieram ao Paraná a pedido do bispo de Curitiba, José de Camargo Barros. O seu primeiro posto foi a paróquia de S. José dos Pinhais, que na época tinha 100 km de extensão (chegava até a divisa de Santa Catarina) e 50 km de largura. Essa foi a primeira paróquia no Brasil onde os verbistas se defrontaram com os poloneses. Em novembro de 1900 veio a essa paróquia o pe. Carlos Dworaczek, falecido com fama de santidade<sup>11</sup>.

Quase na mesma época vieram os missionários de S. Vicente de Paulo (conhecidos no ambiente polônico do Brasil como vicentinos). A convite do bispo José de Camargo Barros e atendendo a um pedido dos imigrantes poloneses, no dia 19 de maio de 1903 partiu de Cracóvia o primeiro grupo missionário (pe. Boleslau Bayer, pe. Hugo Dylla, pe. Francisco Chylaszek e ir. Alexandre Węgrzyn). No dia 29 de junho de 1903 desembarcaram no porto de Paranaguá. No dia seguinte vieram a Curitiba<sup>12</sup>.

É preciso ainda enfatizar uma realidade pouco conhecida. Eis que no início da colonização polonesa no Brasil os padres poloneses eram decididamente poucos! O pe. W. Sojka assinala claramente:

*Muito pouco para o número dos próprios emigrantes, muito pouco para as áreas em que se dispersaram. Jamais contaremos aí mais de 20 padres poloneses ao mesmo tempo. Em muitas "colônias", os primeiros padres só vinham depois de 10 ou 15 anos, em outras, após a partida de um era preciso esperar anos até que aparecesse um outro<sup>13</sup>.*

Vale a pena registrar aqui o seguinte fato. Eis que o primeiro bispo da diocese de Curitiba, José de Camargo Barros, num comovente carta ao bispo de Przemyśl pedia por Deus que fossem enviados ao menos dez padres, visto que "apenas um sacerdote polonês pode assegurar a adequada assistência ao emigrante polonês"<sup>14</sup>.

Com o passar do tempo começaram a chegar ao Brasil também outras congregações masculinas, às quais, já após a Segunda Guerra Mundial, juntaram-se os membros da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados (chamados popularmente de padres da Sociedade de Cristo)<sup>15</sup>. Atualmente encontramos no Brasil representantes das seguintes famílias religiosas, vindas da Polônia: salesianos (desde 1896), missionários da Sagrada Família (desde 1935), palotinos (desde 1930), marianos (desde 1967), capuchinhos (o primeiro capuchinho polonês veio em 1901), franciscanos (desde 1894). Inicialmente os representantes dessa ordem vieram ao Brasil com o objetivo de prestar assistência espiritual aos imigrantes alemães. Dentre eles, muitos eles eram provenientes da Silésia), franciscanos de Niepokalanów (desde 1977). Encontramos no Brasil representantes das seguintes ordens e congregações da Polônia (bem como religiosos já nascidos nesse país):

dominicanos, filipinos, jesuítas, combonianos, missionários do Espírito Santo, orionistas, dominicanos, salvatorianos, passionistas, paulinos, redentoristas, saletinos, religiosos de Schenstatt, religiosos da Sociedade de S. Paulo e ressurrecionistas<sup>16</sup>.

Por sua vez, das congregações femininas, as primeiras a virem ao Brasil foram as irmãs de caridade de S. Vicente de Paulo (1904), e a seguir as irmãs da Sagrada Família (1906). Em época posterior vieram as servas do Espírito Santo e as bernardinhas missionárias. Após a Segunda Guerra Mundial vieram: as elisabetanas, as felicianas, as franciscanas missionárias de Maria, as josefitas, as missionárias do Puríssimo Coração, as salesianas, as servas da Grande Polônia, as ursulinas do Coração de Jesus Agonizante<sup>17</sup>. A mais jovem congregação feminina que trabalha em meio à comunidade polônica brasileira são as missionárias de Cristo Rei, que se encontram nesse país desde 1988<sup>18</sup>.

Convém assinalar que os padres vindos da Polônia cumpriam não apenas tarefas decorrentes da sua vocação religiosa, mas também apoiavam os imigrantes com diversos conselhos, traziam o consolo espiritual, bem como contribuíam para que surgissem – além de prédios sacros – também as primeiras escolas e bibliotecas. Em caso de necessidade, o religioso polonês proporcionava aos nossos colonos a ajuda médica, econômica ou legal. Segundo Maria Paradowska, “o amplo leque de atividade, sobretudo pastoral, mas também cultural, em muitas outras áreas, tinha um enorme significado para os colonos poloneses e para toda a sociedade do país em que residiam”<sup>19</sup>. É um fato inegável que o clero polonês cumpriu um papel bastante significativo na preservação do polonismo entre os nossos imigrantes no Brasil. O papel do padre polonês não se restringia, portanto, apenas a tarefas puramente pastorais<sup>20</sup>. Essa realidade ocorre também hoje na atividade dos religiosos e das irmãs polonesas entre os brasileiros de descendência polonesa, especialmente entre os que se fixaram no interior do país.

Deve-se frisar mais uma vez que os primeiros padres poloneses que vinham ao Brasil empreendiam o trabalho pastoral entre os colonos poloneses. Ruy Christovam Wachowicz – conhecido e apreciado historiador paranaense e polônico – observa:

*A paróquia e o padre polonês eram indispensáveis para o colono [polonês]. A igreja era o centro espiritual, mas também o núcleo onde o colono satisfazia as suas necessidades de comunicação com o próximo. No Brasil essas necessidades assinalavam-se mais ainda em razão do isolamento em que tinham de viver. A igreja, a paróquia e o padre serão por muito tempo, em muitas colônias do Brasil, o único fundamento da unidade entre os colonos<sup>21</sup>.*

O mesmo acontecia com as congregações femininas. Inicialmente as irmãs religiosas vinham ao Brasil para trabalhar entre os imigrantes poloneses. Somente com o decorrer do tempo começaram a afluir missionários e missionárias poloneses para exercer a atividade pastoral caritativa (e também de outra natureza, mas sempre relacionada com o serviço evangélico) entre os brasileiros. No que diz respeito à atividade do clero polonês no Brasil, como afirmamos acima, inicialmente era desenvolvida entre os imigrantes poloneses. O clero polonês não desenvolvia apenas uma atividade puramente religiosa, mas também consolidava entre os emigrados o sentimento de identidade nacional e a memória das suas raízes. Atualmente essa atividade continua sendo atual, embora em grande medida seja realizada em prol dos descendentes dos imigrantes poloneses que já nasceram no Brasil. Talvez seja oportuno recordar que a afluência da imigração polonesa ao Brasil praticamente cessou após a Segunda Guerra Mundial. A diversificada atividade pastoral dos padres poloneses, diocesanos e religiosos, bem como das irmãs pertencentes a diversas congregações, contribui para a elevação dos

descendentes dos nossos emigrados, bem como da sociedade local, a um nível espiritual, moral, cultural e civilizante mais elevado<sup>22</sup>.

Atualmente a maioria dos missionários poloneses (padres diocesanos, religiosos e irmãs que representam diversas congregações) desenvolve atividade religiosa entre os brasileiros. No entanto, no que diz respeito à pastoral específica, como é justamente a pastoral polônica, ela é desenvolvida na dimensão seguinte. Nas cidades grandes, onde residem poloneses nascidos na Polônia ou seus descendentes que se sentem profundamente ligados com a cultura e a língua polonesa, existem paróquias pessoais ou capelarias polonesas. As paróquias pessoais polonesas foram erigidas há muitos anos e existem até o dia de hoje em: Curitiba (Paróquia de S. Estanislau – verbistas), Rio de Janeiro (Paróquia de Nossa Senhora de Monte Claro – padres da Sociedade de Cristo). Além das paróquias pessoais mencionadas, existem capelarias polonesas em: São Paulo (desde o início dirigida pelos salesianos, e desde dezembro de 1966 pelos padres da Sociedade de Cristo) e Porto Alegre (vicentinos). Além disso, em sua igreja paroquial de S. Vicente, os vicentinos celebram todos os domingos uma missa em polonês. Também em Curitiba, uma vez por mês os padres da Sociedade de Cristo celebram uma vez por mês uma missa na igreja paroquial de S. José, no bairro Capão Raso. Nas regiões onde vivem descendentes dos imigrantes poloneses, existem paróquias territoriais. Nessas comunidades a pastoral polônica depende em grande parte das necessidades dos próprios brasileiros de descendência polonesa, bem como da criatividade e do engajamento do próprio religioso polonês. É preciso assinalar ainda que em muitas paróquias são dadas aulas de língua polonesa, existem programas radiofônicos de caráter polônico, bem com conjuntos de folclore polonês<sup>23</sup>.

Vale a pena citar neste ponto uma observação do Primaz da Polônia, card. José Glemp, que visitou os núcleos polônicos no Brasil e na Argentina em 1984:

*De um modo geral pode-se constatar que em ambos os países visitados a pastoral polônica apresenta uma tendência de enfraquecimento. (...) Trata-se de um fenômeno compreensível, se levarmos em conta que foi interrompida a afluência de novos imigrantes, e as gerações da imigração antiga vão se integrando de maneira natural. Convém lembrar, no entanto, que a língua não é o critério definitivo de consciência nacional. No Brasil podem ser encontrados "núcleos poloneses" onde toda a liturgia se realiza na língua do país, e no entanto trata-se de uma pastoral polonesa. O que define isso são os costumes poloneses, o "sentimento" de tradição que caracteriza os colonos, e sobretudo o culto de Nossa Senhora de Częstochowa. Um outro elemento que contribui para o enfraquecimento da pastoral polonesa é a falta de sacerdotes inspiradores. Todo sacerdote polônico, com a exceção de alguns, deve ao mesmo tempo trabalhar em prol da pastoral do país. O trabalho é muito. É preciso visitar muitos núcleos. Existem muitas paróquias que têm até quarenta capelas para serem atendidas. (...)*

*(...) A integração das coletividades religiosas tem a vantagem de introduzir o bem de cada nação no bem comum do país. A negligência da educação católica das crianças e dos jovens à maneira polonesa significa a aprovação da mediocridade, o rebaixamento do nível da espiritualidade. No contexto brasilo-argentino não se pode negar que a catequese polonesa e o programa pastoral polonês, que resulta da base de uma cultura milenar, asseguram que pode ser atingida uma maior maturidade cristã. E isso constitui uma contribuição positiva em prol da Igreja universal. (...)*

*(...) O sentido da pastoral polônica não consiste em preservar a todo o custo a língua e os costumes poloneses, mas em desenvolver da forma mais plena possível a graça da fé, com base na cultura religiosa polonesa, e dessa forma dar testemunho da vida da Igreja – de uma forma digna de ser imitada e aceita<sup>24</sup>.*

Segundo dados obtidos da Comissão Missionária do Episcopado Polonês, em março de 2001 trabalhavam nas estruturas pastorais da Igreja no Brasil 312 missionários poloneses (4 bispos, 64 padres diocesanos, 184 padres religiosos, 5 irmãos religiosos, 53 irmãs religiosas e 2 pessoas leigas)<sup>25</sup>.

Atualmente, entre os 419 bispos brasileiros encontramos 8 de descendência polonesa: Walmor Battú Wichrowski – residente em Porto Alegre (RS), Domingos Wisniewski – ordinário da diocese de Apucarana (PR), Ladislau Biernaski – bispo auxiliar de Curitiba (PR), Isidoro Kosinski – ordinário da diocese de Três Lagoas (MS) e os bispos nascidos na Polônia e nomeados pelo papa João Paulo II (em 1989): Ceslau Stanula – ordinário da diocese de Itabuna (BA) e Agostinho Estêvão Janiszewicz – ordinário da diocese de Luziânia (GO); (em 1998) o bispo João Wilk – ordinário da diocese de Formosa (GO); (em 2000), o bispo Eduardo Zielski – ordinário da diocese de Campo Maior (PI)<sup>26</sup>.

Por sua vez, segundo os dados estatísticos da Igreja no Brasil, em 2000 havia entre o clero brasileiro 309 padres com sobrenomes poloneses. Não incluímos nesse número os padres com sobrenomes poloneses que adotaram a cidadania local e aparecem como brasileiros. Da mesma forma não incluímos nesse número os religiosos com sobrenomes poloneses, mas que são cidadãos de países como Inglaterra, Áustria, Canadá, Alemanha, Estados Unidos<sup>27</sup>.

## **2. Caráter específico do trabalho dos missionários poloneses**

Inicialmente é preciso fazer o seguinte esclarecimento. Se o autor pretende analisar brevemente as características do trabalho dos missionários poloneses no Brasil, deve fazer certas delimitações. Esse caráter específico consiste no engajamento ativo nas estruturas da Igreja local e no desenvolvimento da pastoral nas diversas paróquias territoriais (urbanas e também aquelas localizadas no interior). Essas características expressam-se igualmente numa certa diversidade no que diz respeito à assistência pastoral realizada em prol dos fiéis de descendência polonesa. Se o autor escreve de diversidade, leva em conta o trabalho pastoral realizado por religiosos poloneses nas comunidades polônicas que residem em outras partes do mundo.

O trabalho pastoral dos padres poloneses no Brasil afasta-se do estilo de trabalho dos religiosos poloneses que atuam em outras regiões do mundo. Aliás todo país é diferente, razão por que as condições, a natureza e o estilo de trabalho expressam-se numa especificidade diferente.

É digno de ser enfatizado o fato seguinte. Para o missionário polonês, o trabalho numa paróquia brasileira urbana apresenta muitos elementos positivos, que anteriormente não encontrava no trabalho pastoral na Polônia. O pe. José Poszwa SChr. observa:

*Na comunidade urbana sempre se encontrarão famílias muito engajadas na vida da paróquia e que vivem num alto nível espiritual. Essas famílias servem de ajuda, de exemplo para as outras, e são também uma contínua motivação para o crescimento espiritual do sacerdote. Existem muitas iniciativas novas. Numa palavra, o "material humano" nas paróquias urbanas é mais rico. Nessas paróquias não faltam líderes. É por isso que a pastoral catequética, litúrgica, etc. desenvolve-se melhor. Surgem continuamente novos setores pastorais – como atualmente a pastoral da abstinência ou a pastoral da terceira idade. A Infância Missionária transformou-se numa nova força da comunidade. Trata-se de um belo trabalho evangelizador entre as crianças e feito pelas crianças. Graças a isso ocorre a volta de muitas famílias à Igreja. Na cidade ocorrer uma resposta maior aos apelos, especialmente aos apelos caritativo-sociais da Igreja<sup>28</sup>.*

A maior dificuldade no trabalho pastoral nas paróquias urbanas brasileiras é com certeza o grande número de fiéis, bem como a progressiva laicização da sociedade local. Constituem igualmente uma peculiar dificuldade as diversas seitas ou o sincretismo religioso que ocorre entre os fiéis. Eis o testemunho de um sacerdote diocesano, pe. Mariano Kulesza, que desde 1980 trabalha numa paróquia urbana:

*Como em todo o Brasil, as dificuldades no trabalho pastoral são grandes. As seitas estragam as pessoas. Vulgarizam a religião, vendo nela um meio mágico de melhorar a vida e conseqüentemente não exigem a conversão – o abandono do pecado. Mas em troca exigem o pagamento de contribuições e oferendas chamadas dízimo (décima parte do salário). E – o que é pior – dessa forma moldam também as consciências da geração jovem, no que – infelizmente – contam com a ajuda eficiente de algumas escolas católicas. Nessas condições, a nossa missão – de transmitir a fé – torna-se muito difícil<sup>29</sup>.*

A seguir o testemunho de um outro sacerdote polonês (já acima citado), pe. José Poszwa SChr., que há 12 anos é pároco da paróquia urbana de S. Pedro e S. Paulo em Curitiba:

*Nos chamados condomínios fechados, é dificultado o acesso a centenas de famílias. Ocorre um isolamento total das famílias da vida social, especialmente na paróquia. As pessoas vivem em total anonimato. 2. O trabalho pastoral restringe-se às horas noturnas e aos finais de semana. As celebrações comunitárias podem realizar-se apenas à noite, da mesma forma que quaisquer reuniões, encontros ou cursos realizam-se geralmente nos sábados e domingos. Isso por sua vez é dificultado pelos freqüentes feriados que ocorrem nos finais de semana. No decorrer do dia são possíveis apenas visitas a idosos e doentes. 3. Crianças e jovens: há muitas atividades nas escolas e fora delas. Muitos jovens estudam e ao mesmo tempo trabalham. Não encontram tempo para participar da vida da comunidade. Uma pequena porcentagem das crianças, e menor ainda dos jovens, participa da vida da paróquia. Mesmo de famílias muito católicas. Na área da paróquia encontra-se uma grande porcentagem de jovens que usam drogas, existem também gangues de jovens. 4. Migração das famílias: há muitos novos conjuntos residenciais. Em geral muitas famílias deixam a paróquia e no lugar delas aparecem outras. Os problemas econômicos, relacionados com o trabalho, bem como outros, provocam uma contínua migração. As famílias que vêm de outros bairros da cidade ou de outras regiões do país primeiramente "se organizam", e a igreja fica em último plano. 5. Seitas: Difíceis problemas financeiros e de saúde, além do desemprego, provocam a busca de soluções imediatas, e em parte as seitas ajudam nisso. Algum tempo depois, muitas famílias voltam à Igreja<sup>30</sup>.*

Por sua vez, um outro tipo de dificuldades com que se defrontam os missionários poloneses nas paróquias territoriais situadas no interior são: as distâncias, o grande número de igrejas filiais ou de escolas aonde – pelo menos uma vez por mês – levam eles a assistência religiosa. Pode-se arriscar a afirmação de que o sacerdote missionário está continuamente viajando. É preciso ainda acrescentar dificuldades como: o mau (ou talvez péssimo) estado de conservação das estradas no interior. Certamente é difícil imaginar essa realidade quando se reside na Polônia ou num outro país. Simplesmente é preciso vivenciar isso pessoalmente para melhor compreender a situação dos missionários poloneses. Além disso, as questões climáticas, lingüísticas (especialmente sentidas pelos missionários principiantes), o problema de compreender e aceitar a mentalidade da população local, etc. Eis as observações do pe. Zacarias Kruza MSF:

*Aqui é preciso transpor algumas barreiras que a contragosto desaparecem diante de quem veio da Europa. A primeira barreira é a aclimação. As naturezas frágeis, pessoas com problemas cardíacos ficam de fora. (...) Uma outra barreira é a língua. O aprendizado dessa língua no país traz poucas vantagens. Existem as mesmas dificuldades de pronúncia que ocorrem no inglês. Aos poucos estou começando a me infiltrar nos arcanos desse difícil e belo idioma, com predomínio de vogais e com muitos sons nasais. (...) Além dessas barreiras, é preciso tomar cuidado em tudo, sobretudo na comida, no trabalho, na convivência social, para não perder a confiança. Dois religiosos já pagaram um preço amargo por terem abusado da bondade das pessoas daqui<sup>31</sup>.*

Em síntese, toda a realidade acima assinalada (com a menção de pelo menos algumas dificuldades) vai se relacionar com o conjunto da problemática ligada com a integração dos nossos missionários. Com certeza a integração missionária é um processo necessário e inevitável. O autor está convencido de que o missionário, além do esforço pastoral despendido na Igreja local, deve preservar a fidelidade diante da tradição e da cultura polonesa, nas quais afinal se moldou a sua humanidade e a sua vocação. "A respeito da integração do indivíduo ou do grupo pode-se falar quando ele se transforma num sujeito ativo dentro do ambiente em que vive, participa das numerosas formas de ação e percebe o seu bem no bem comum de determinada coletividade, mas ao mesmo tempo se utiliza dos valores da sua cultura primitiva"<sup>32</sup>. O autor tem consciência de que a afirmação do pe. R. Dzwonkowski encontra o seu reflexo na vida do missionário polonês que, sem se afastar da riqueza cultural da sua nação (aliás ancorada numa cultura cristã), é capaz de aceitar também os valores do Brasil, onde exerce o seu trabalho pastoral. Com certeza o processo da integração vai transcorrer em níveis diferentes em cada missionário. Não cabe à competência do autor analisar essa problemática, com certeza complexa e muito difícil<sup>33</sup>.

Vale a pena citar aqui o pronunciamento do pe. Francisco de Assis Pereira, que, ao saudar – em nome do clero brasileiro – o Santo Padre João Paulo II em Natal (RN), no dia 13 de outubro de 1991, disse a respeito dos missionários estrangeiros: "... Diante das grandes necessidades espirituais do nosso povo, somos tão poucos. Contamos, no entanto, com a cooperação de tantos irmãos que deixaram os seus países e, respondendo ao apelo das missões 'ad gentes', lembrado com ênfase na última encíclica 'Redemptoris missio', numa elogiável forma de aculturação, tão bem familiarizaram-se com a forma de vida brasileira"<sup>34</sup>. A respeito de como o processo de integração é um período difícil para o missionário recém-chegado, sirva de testemunho o pronunciamento abaixo do pe. Zdzisław Nabiałczyk SChr.:

*A maior dificuldade com certeza foi a falta de conhecimento da língua portuguesa, e além disso as diferenças culturais. Também custou-me muito acostumar-me à cozinha local, o que no início provocou alguns problemas de saúde. Mas com o correr do tempo essas dificuldades foram superadas e penso que isso ocorreu sob a influência dos nossos coirmãos, que em grande parte, pela sua presença e ajuda na solução de formalidades legais, e pela cordialidade com que nos receberam nesta província, fizeram com que eu não fizesse as malas e não voltasse à Polônia. Neste momento, naturalmente depois de vários anos de permanência no Brasil, sinto-me animado e eu mesmo percebo que de alguma forma estou me tornando semelhante àqueles que aqui nasceram. Não sei se é um motivo de orgulho, mas gosto do Brasil, embora às vezes a gente esteja cansado, ou até um pouco nervoso em razão de certos absurdos com os quais penso que cada um de nós se defronta no seu trabalho ou na convivência com os outros nas paróquias<sup>35</sup>.*

Um outro missionário nosso, o pe. Zbigniew Minta SChr., observa:

*Por sua natureza, o homem é capaz de transpor limites, no sentido amplo da palavra. Com muito mais razão um missionário da Igreja que leva a Boa Nova aos confins do mundo. Após transpor os limites territoriais e culturais, é indispensável a aculturação, a integração, a adaptação do missionário à coletividade local. O processo de adaptação encerra um elemento cognitivo que permite ao missionário "descobrir" uma nova situação, aprender novos padrões e novas formas de comportamento. Esse processo pode mostrar-se doloroso, principalmente no início, quando tudo parece diferente e estranho.*

O pe. Zbigniew Minta SChr. enumera também as dificuldades que encontrou no início:

*A dificuldade de acostumar-se a um clima úmido e quente, o problema de dominar a língua portuguesa (ao encontro dessa dificuldade saiu a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, organizando na capital do país um curso de língua para os missionários), o problema de compreender a mentalidade da população local, especialmente de descendência polonesa, que cria muitos problemas no caminho da unificação dos ideais e das ações<sup>36</sup>.*

Eis o pronunciamento do nosso missionário mais recente, o pe. Gregório Koziński SChr., que veio ao Brasil em 2000:

*Não é preciso conscientizar nem convencer ninguém de que todo começo parece ser sempre muito difícil. Pela segunda vez estou me acostumando a um lugar “novo” e diferente, após cinco meses de permanência no Brasil. Após ter passado pela experiência do trabalho em grandes metrópoles (Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro), chegou o tempo de sentir a realidade do interior brasileiro. Devo, então, entrar desde o início na realidade nova e completamente desconhecida de uma paróquia territorial. Os últimos 46 quilômetros até o meu destino são de estrada sem asfalto. Não nego que durante os últimos quilômetros da viagem fiz a pergunta: “Meu Deus, onde é que eu me encontro?” Uma outra difícil experiência no ingresso na nova realidade parece ser o problema do conhecimento da cultura e das tradições dos moradores desse lugar. Após ter passado pela experiência de trabalhar em paróquias urbanas, percebo que a questão do desconhecimento da língua, da cultura e das tradições nos núcleos urbanos não chegava a ser tão opressiva no início do meu trabalho. Essa “obrigação” não chegava a ser tão urgente. Durante os cinco meses de estada nas citadas metrópoles, esses problemas se tornavam normais. A postura dos paroquianos ou de outras pessoas com quem me encontrava por acaso confirmava que eles compreendiam o meu difícil começo na nova realidade. Permitiam pensar: Não se preocupe demais por não conhecer ainda a língua, a cultura e os costumes da nova realidade. Você ainda tem muito tempo para isso. Graças a isso, o começo da minha estada no Brasil não foi de forma alguma opressivo, apesar do conhecimento quase nulo da língua, da cultura e dos costumes. No entanto o encontro com a realidade do interior pareceu, nos primeiros dias, muito mais opressivo. Os mais difíceis pareciam ser os primeiros dias, nos quais eu não tinha ocasião de me confirmar na convicção de que havia feito bem vindo ao Brasil. Já nos primeiros dias a coletividade local expressava um grande espanto, e até um sorriso ao saber que o “novo padre” não falava português. Sei e estou convencido de que isso não constitui nenhum problema. No entanto, quando por 150 dias vivenciei praticamente apenas a compreensão, é difícil “transferir-se” de um dia para outro. As situações vividas, ao menos no primeiro encontro, dentro de uma realidade tão “nova” e ao mesmo tempo “diferente” podem tirar por completo a vontade de permanecer nessa realidade. Da perspectiva de três meses de permanência em Dom Feliciano. Estando exposto a um peculiar bilingüismo, que sem dúvida tem dado e dá alegria e leva a acreditar que vale a pena abandonar a terra natal para viver e trabalhar exatamente aqui no Brasil<sup>37</sup>.*

Vale a pena citar ainda o pronunciamento do pe. Adão Boniecki MIC, que, ao comentar um filme a respeito de um missionário polonês nos Andes (apresentado pela televisão polonesa), consegui caracterizar bem, em algumas frases, as condições em que muitas vezes devem viver e trabalhar os nossos missionários:

*(...) Não veja filmes sobre a vida de missionários, não leia memórias de missionários, não veja fotografias que apresentam o missionário cercado por simpáticas crianças negras ou índias. Essa não é a verdade sobre as missões. Os bons padres missionários procuram apresentar-lhe os momentos bonitos, solenes e felizes, e por isso nas cartas não descrevem a vida diária, mas – para despertar o seu interesse – apenas os acontecimentos extraordinários. Eu mesmo não fui missionário, mas visitei muitas missões e sei que a verdade a respeito deles é o dia-a-dia, que mais ameaçadora que as cobras e os escorpiões é a sensação do alheamento e da solidão e que as maiores surpresas são apresentadas ao missionário pela sua própria saúde. Isso você não verá nos filmes sobre missionários. As missões são apresentadas como se fossem um fascinante encontro com os pobres e os fracos, a quem se pode ajudar, e eles por isso o*

*amam e são infinitamente gratos. Essas belas imagens, mesmo que sirvam para despertar o ardor missionário nos chamados "jovens corações", deixam de lado algo essencial na grandeza de um missionário. (...) A alguns lugares ninguém jamais chega, além do missionário. Jamais! Por isso me sinto responsável por essas pessoas. A fraqueza física, o desânimo, a solidão. Sem embelezamentos e sem emoções. (...) Se esse filme<sup>38</sup> é patético, é graças à sua simplicidade. Não há nele gestos espetaculares nem grandes palavras. Nem soam sublimes as palavras da última cena do filme, quando o missionário confessa num tom de informação objetiva que nos momentos de desânimo, na solidão, ele busca apoio e refúgio em Deus. Essas palavras não soam sublimes, mas fidedignas<sup>39</sup>.*

O Episcopado local sai ao encontro dos missionários que chegam, a fim de lhes ajudar a compreender e conhecer a realidade da Igreja e da sociedade brasileira e familiarizar-se com os fundamentos da língua portuguesa. Com esse objetivo, são organizados cursos trimestrais no Centro Cultural Missionário, na capital do país, Brasília. O pe. André Sobczyk SChr. participou do 72º curso organizado pelo Centro Missionário acima citado. Eis a sua avaliação desse curso:

*No que diz respeito ao seu nível, o curso é muito bom. Passaram por ele multidões de estrangeiros de diversas nacionalidades e as professoras, tendo experiência, sabem de antemão quais as dificuldades que seus alunos enfrentam. Residindo no dia-a-dia num grupo internacional, em muitos casos a língua portuguesa se transforma na única forma de comunicação, o que estimula mais ainda ao estudo. Durante o curso, os estudantes têm a ocasião de residir uma semana com famílias brasileiras, o que permite observar os progressos lingüísticos. Resumindo, do ponto de vista metodológico o curso é muito bom, mas, quando à aculturação (e esse é um dos objetivos principais dos três meses de permanência paga no Centro Cultural Missionário), deixa ainda muito a desejar<sup>40</sup>.*

Após o que foi escrito acima, poderíamos ser tentados a fazer a seguinte pergunta: E em que condições iniciaram o seu trabalho os primeiros missionários poloneses no Brasil? O autor gostaria de dividir todo esse período do trabalho dos missionários poloneses no Brasil em duas etapas. A primeira relaciona-se sobretudo com o tempo do estabelecimento dos imigrantes poloneses. A segunda é o período relacionado com o Concílio Vaticano II, até os dias atuais.

Nos últimos seis anos, em razão da função exercida na sua congregação religiosa, o autor teve a possibilidade de freqüentemente viajar de automóvel pelos Estados meridionais do Brasil. Algumas vezes, durante as viagens, procurava imaginar aquela realidade de 130 ou mais anos atrás, quando os nossos emigrantes davam os primeiros passos nessas terras. Procurava também imaginar os primeiros missionários poloneses que percorriam essas terras, apressando-se em prestar assistência espiritual aos nossos patrícios. Se ainda as paróquias de hoje estendem-se por um longo espaço e, em razão de diversos condicionamentos climáticos, é difícil ao sacerdote chegar até os fiéis (as chuvas torrenciais tornam as estradas de terra intransitáveis), com certeza era muito mais difícil no passado, e não muito distante. Os missionários poloneses daquela época prestavam assistência numa área em que hoje se encontram vários municípios, bem como paróquias. Naquele tempo, o único e o melhor meio de locomoção era o cavalo ou o burro<sup>41</sup>. Eis o testemunho típico do pe. André M. Wolsztyniak OP, que trabalhou entre os brasileiros que habitavam as terras situadas na bacia dos rios Araguaia, Tocantins, Paraíba, e também no planalto do atual Distrito Federal: "Durante vinte anos tive a cela entre a nádega humana e o lombo do cavalo"<sup>42</sup>. Ou um outro testemunho: "E novamente esses 100 quilômetros pelos buracos, pedras e pântanos provocados pela tempestade noturna"<sup>43</sup>.

Com o correr do tempo, quando as estradas de terra já receberam melhorias, o missionário viajava pela sua área utilizando-se de uma carroça puxada por cavalos<sup>44</sup>.

Parece ser digna de registro a seguinte realidade. Em 1894 iniciou o seu trabalho o primeiro bispo do Paraná, José de Camargo Barros. Naquela época havia no Paraná 20 paróquias. Dentre elas, apenas 13 tinham o seu pároco. A área para ser atendida era enorme. O que predominava nessas áreas eram caminhos impraticáveis e matas<sup>45</sup>.

E por isso que, quando vinham ao Brasil os primeiros padres poloneses, em geral eram bem vistos, porque, como foi mencionado acima, o número dos sacerdotes era muito pequeno. O religioso que vinha ao Brasil devia, naturalmente, submeter-se às leis e aos costumes do país. Antes de receber a jurisdição devia fazer um exame de conhecimento da língua portuguesa e um juramento de obediência diante do bispo local<sup>46</sup>. Ainda em 1905 o bispo de Curitiba, Duarte Leopoldo e Silva, exigia dos padres estrangeiros que trabalhavam em sua diocese que aprendessem quanto antes a língua portuguesa. O mencionado bispo até ameaçava com conseqüências. Se no prazo estipulado o missionário que trabalhava na diocese não aprendesse a língua portuguesa, da qual devia prestar exame, não receberia autorização para desempenhar as funções sacerdotais na área da diocese<sup>47</sup>.

Vale a pena, neste ponto, dar a palavra a um dos missionários da época:

*Durante a minha última viagem pelo mato uma professora me perguntou se eu não estava farto de sempre viajar pelo mato. Naturalmente, as viagens pastorais pelo mato são difíceis – foi a minha resposta – e não teria condições de viajar se não soubesse que existe a recompensa eterna; unicamente a lembrança da eternidade me fornece forças e coragem para suportar todas as adversidades.*

*Os sacrifícios que deve suportar o missionário são dos mais variados tipos, morais e físicos. É preciso seguir exatamente o plano de viagem. É preciso viajar independentemente do tempo, mesmo que haja chuva ou tempestade<sup>48</sup>.*

Um outro missionário assim descrevia as dificuldades encontradas:

*... Em breve verifiquei que a casa estava inteiramente infestada de bichos-de-pé. Quando a casa não era habitada, debaixo dela alojavam-se porcos e cabras. Agora por toda a parte está cheio desses bichos-de-pé – na casa, na cozinha, no galpão e na estrebaria. Foi tentado de tudo para acabar com esses indesejáveis insetos. Os vizinhos tinham pena de mim e utilizavam todos os recursos. Mas não houve resultado. Eu sofria indizivelmente em razão dessa praga. Como se sabe, os bichos-de-pé entram debaixo das unhas e provocam supuração. A coceira é difícil de suportar. Eu não podia dormir. Para ter algum alívio, eu me levantava à noite, pegava o cobertor debaixo do braço e ia à igreja, para aí dormir. Mas também lá sofria o mesmo tormento. Em breve o meu estado piorou: os pés incharam e cobriram-se de feridas. Não podia calçar os sapatos. Aos poucos as feridas espalharam-se por todo o corpo. Naquela época eu pensava muitas vezes em Jó, que estava coberto de feridas. (...) Durante os longos anos de viagens pela mata virgem aprendi a usar pratos e colheres que estavam pretos de sujeira. A faca e o garfo já se tornaram para mim completamente dispensáveis. Mesmo a carne de boi secada ao sol, que depois de longamente cozida continua sempre dura e coriácea como o couro da sola do sapato, com o tempo assustava-me cada vez menos. Eu suportava corajosamente o cheiro repugnante. Para não demonstrar que consumir o prato a mim oferecido me custava tanto, eu engolia alguns pedaços bem pequenos dessa carne repulsiva. Eu a comia junto com feijão estragado, depois uma sopa horrível, e lá estava eu, novamente pronto para viajar.*

*As pessoas se admiravam e perguntavam se eu não estava com fome, mas eu sempre me salvava com alguma resposta evasiva. No fundo da alma sempre tinha a esperança de que ainda me ofereceriam leite com farinha de milho, o que era para mim um verdadeiro petisco, mesmo quando era servido num chifre de boi. Se em alguma casa a situação estava realmente ruim, eu me consolava com o pensamento de que no outro dia estaria numa outra casa, onde provavelmente a situação seria melhor. Além disso,*

*eu sempre levava comigo alguma comida sobressalente, com a qual era muito parcimonioso, para que alguma coisa sobrasse até o último dia da viagem. Mas em Laranjeiras todos os dias eu tinha de me contentar com o que me serviam...<sup>49</sup>.*

Eis a realidade de 1929, descrita por um missionário:

*Com tempo de chuva, Guarapuava fica quase sempre isolada do resto do mundo; apenas o telefone e o cavalo são os únicos meios de comunicação; passam-se às vezes duas ou três semanas sem que venha o correio, e a chuva muitas vezes atrapalha muitos planos interessantes. Também as nossas viagens pastorais sofrem com as chuvas prolongadas, embora as façamos a cavalo, às vezes em lombo de burro, e dessa forma estejamos menos dependentes do bom tempo. Mas então os rios e os riachos transbordam e a passagem por eles se torna perigosa, algumas vezes até impossível, porque pontes são encontradas raramente<sup>50</sup>.*

E mais uma recordação de um missionário:

*A roupa e os artigos de couro não ficam bem secos com a chuva prolongada, emboloram e começam a apodrecer. A roupa limpa que se veste geralmente está úmida. Também as provisões de alimento que se leva consigo estragam-se e não podem ser consumidas. Mas o pior é quando em tempo de chuva é preciso passar a noite a céu aberto. Na verdade isso não acontece com muita frequência, e geralmente apenas quando a gente se perde no mato<sup>51</sup>.*

E as condições de residência, ou ainda outras dificuldades? Aqui já é preciso recorrer – embora não necessariamente – à fértil imaginação para compreender o esforço e a dedicação dos primeiros missionários poloneses. Eles eram – como acredita o autor da monografia – verdadeiros heróis. O seu heroísmo decorria do Evangelho.

É preciso também enfatizar que no início da vinda dos nossos emigrantes ao Brasil não havia nesse país paróquias estritamente nacionais. Tanto o pároco como o capelão eram sacerdotes que atendiam todos os moradores de determinada região, e não apenas os imigrantes poloneses<sup>52</sup>. Por exemplo, o bispo Duarte Leopoldo e Silva, residente em Curitiba, publicou em 1905 uma carta dirigida a todos os religiosos. Nessa carta proibia a formação de enclaves fechados. Exigia que os missionários estrangeiros aprendessem quanto antes a língua portuguesa. Os sacerdotes deviam prestar a mesma assistência tanto a seus patrícios como à população local. No entanto, segundo o bispo, os imigrantes que desconheciam a língua portuguesa não deviam ser privados da assistência espiritual<sup>53</sup>.

Também é digno de atenção o fato de que havia um número muito pequeno de padres poloneses para bem servir as colônias habitadas pelos imigrantes poloneses. A esse respeito escrevia o pe. Ludovico Bronny CM ao cardeal Augusto Hlond, Primaz da Polônia e Patrono da Assistência aos patrícios no exterior.

*Como vice-visitador da Província Polonesa dos Padres Vicentinos no Brasil, tenho de certa forma a obrigação de incomodar Vossa Excelência a respeito de um assunto muito importante. Com efeito, sou parcialmente responsável pela assistência religiosa em língua polonesa prestada por padres poloneses aos patrícios que vivem aqui no Brasil. A Congregação dos Padres Vicentinos tem procurado e procura prestar a melhor assistência às colônias polonesas, preservando nelas o espírito religioso e nacional. Mas nos últimos tempos não podemos dar conta das nossas tarefas, visto que somos poucos no Brasil, e os esforços já fizeram com que muitos se tornassem incapazes de trabalhar. (...)*

*(...) Como única solução, vejo que devem ser enviados aos núcleos que estamos deixando os padres do Seminário em Potulice. Peço a Vossa Excelência que bondosamente me responda se isso é possível, e depois de receber a resposta fornecerei os projetos e as condições reais, e as colônias poderiam ser assumidas imediatamente. (...)*

*(...) Considero ser a obrigação de um polonês e do superior das nossas paróquias no Brasil solucionar esse problema religioso e nacional da forma acima, com a aprovação de Vossa Excelência...<sup>54</sup>.*

Com essa citação queremos encerrar o primeiro período da atividade dos missionários poloneses no Brasil. Abaixo concentraremos a nossa atenção no tempo relacionado como Concílio Vaticano II e na realidade da Igreja nesse país. Nesse período, em condições bem diferentes e bem mais difíceis que as da Polônia, os nossos missionários iniciavam o seu trabalho no Brasil. Naturalmente, tratava-se de uma continuação do trabalho inaugurado pelos pioneiros da pastoral polonesa nesse país.

Ainda antes do Concílio Vaticano II podia ser percebido e sentido um movimento que anunciava mudanças na Igreja brasileira. Aos poucos intensificava-se a divisão no Episcopado brasileiro, bem como entre o clero, os religiosos e os leigos, em dois blocos: o dos "renovadores" e o dos "conservadores". Sentia-se na Igreja do Brasil também o aumento de uma certa tensão. E no momento em que se iniciou o Concílio Vaticano II, em 1962, surgiram diante da Igreja desse país fundamentadas perspectivas para a elaboração de novas perspectivas teológicas e pastorais. Isso por sua vez possibilitou a elaboração de um novo modelo de Igreja, definida como Povo de Deus. Naturalmente esse modelo, elaborado na Europa, começou a assumir traços característicos da realidade da América Latina. A mudança do modelo contribuiu para o surgimento de uma profunda crise no seio da Igreja no Brasil, tanto entre os representantes do Episcopado como entre os sacerdotes diocesanos e religiosos, e mesmo entre os católicos leigos. Os sintomas da mencionada crise – que teve seu início nos anos sessenta – podem ser sentidos de alguma forma até o dia de hoje<sup>55</sup>. Justamente os primeiros religiosos poloneses vieram ao Brasil nesse período, deparando-se com as dificuldades acima anunciadas com que lutava a Igreja católica local. A adaptação ao novo modelo de Igreja foi um processo difícil para o clero local<sup>56</sup>. O que dizer então de missionários vindos de outros condicionamentos culturais ou eclesiais? Foi justamente nessa situação que se encontraram os primeiros, bem como os seguintes religiosos poloneses no Brasil<sup>57</sup>.

O trabalho nas paróquias territoriais locais, pertencentes a diversas dioceses, exige de todo sacerdote – e especialmente do missionário que vem de uma outra realidade – a capacidade de adaptar-se ao espírito da Igreja local e às normas pastorais estabelecidas.

É preciso enfatizar a grande participação das pessoas leigas na obra da evangelização e o seu engajamento nas estruturas pastorais. O diversificado trabalho dos leigos chama a especial atenção de um missionário que começa a dar os primeiros passos nesse país. Eis o testemunho de um desses padres, o pe. André Sobczyk SChr.: „Para mim foi uma grande e ao mesmo tempo positiva surpresa a participação das pessoas leigas na vida comunitária, o seu engajamento na liturgia e o desvelo pelo bem material da Igreja local, que nesse nível não se encontra na Polônia”<sup>58</sup>.

A missão das pessoas leigas na Igreja latino-americana, e especialmente na brasileira, já conta com a sua história. O papel e o envolvimento das pessoas leigas na Igreja desse continente foram nitidamente enfatizados nos documentos do Episcopado da América Latina (Medellín, Puebla, Santo Domingo)<sup>59</sup>. É preciso reconhecer que, graças aos leigos – que aceitaram em seu coração o Evangelho e ao lado dos sacerdotes envolveram-se no trabalho pastoral – a Igreja local constitui uma grande força evangelizadora e transformadora das estruturas sociais existentes. Com certeza o missionário que vem da Polônia, ao se deparar com tal realidade, precisa passar por uma espécie de conversão, isto é, saber aceitar as formas existentes de apostolado e perceber o importante papel das pessoas leigas. Além disso, a participação de pessoas leigas na obra evangelizadora da Igreja exige do sacerdote o

engajamento em prol da formação dos líderes locais, especialmente dos catequistas. Ao mesmo tempo, o sacerdote deve conhecer bem os movimentos populares, que se distinguem pela sua natureza específica, mas que atuam na comunidade da Igreja em espírito de comunhão e participação.

É preciso ainda perceber o grande papel que desempenham na Igreja as comunidades dos fiéis. Graças a elas, a Igreja torna-se não apenas uma comunidade das comunidades, mas ainda é viva, dinâmica e muito presente nas diversas estruturas sociais do país<sup>60</sup>.

Dessa forma, o missionário que vem ao Brasil deve passar por uma espécie de transformação pessoal ou até de conversão, a fim de aceitar o estilo de trabalho da Igreja local. Deve igualmente ser capaz de perceber as diversas mudanças que ocorrem na sociedade. No processo da abertura e da contínua atenção, tornam-se úteis, para o missionário recém-chegado, os documentos do Episcopado local, nos quais encontrará não apenas orientações quanto à ação evangelizadora que se realiza, mas também ricas informações e recomendações para o desenvolvimento intelectual e espiritual próprio<sup>61</sup>.

Os missionários poloneses têm dedicado (e continuam a dedicar) à Igreja do Brasil os seus ideais, as suas aptidões, a sua saúde, os seus esforços e a sua vida. Como um fruto simbólico dessa dedicação, pode ser reconhecida a figura do pe. Rodolfo Komorek, salesiano e candidato aos altares. O seu processo de beatificação teve início no dia 31 de janeiro de 1964 na diocese de Taubaté, no Brasil<sup>62</sup>.

Após o esboço acima apresentado, que aborda apenas de forma superficial uma problemática complexa, o autor da presente monografia está profundamente convencido da necessidade de futuramente ser apresentada uma pesquisa mais ampla, e na medida do possível detalhada, a respeito da contribuição dos missionários poloneses na evangelização do Brasil, bem como nas diversas formas do seu desenvolvimento. Sirva a presente monografia como uma introdução para ulteriores pesquisas e trabalhos. Com efeito, não se pode aceitar que a mortalha do esquecimento cubra tudo aquilo que foi realizado – e que continua a ser realizado – pelos missionários poloneses no Brasil. Essa tarefa não significará absolutamente uma forma de “vangloriar-se”, mas simplesmente de dar a palavra à história. É justamente essa história, apresentada de forma honesta e objetiva, que deve registrar as diversas formas de contribuição dos missionários poloneses cujo trabalho produziu frutos na Vinha do Senhor no Brasil.

---

<sup>1</sup> Pe. W. Sojka CM, Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4 (1960), p. 376.

<sup>2</sup> Ibid., p. 377.

<sup>3</sup> Pe. W. Sojka CM, Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii, em: *Duszpasterz poski Zagranicą*, 1 (1961), p. 46.

<sup>4</sup> Pe. Alberto Męciński (nascido em 1601 em Osmolice, faleceu no dia 23-3-1643 em Nagasaki), jesuíta, missionário, mártir. Nos documentos portugueses aparece como Albertus de Polonia. Nasceu em Osmolice, nas margens do Wieprz inferior. É considerado um dos primeiros missionários poloneses que vieram ao Brasil. Em 1631 veio a esse país de forma casual. O navio em que viajava de Lisboa a Goa foi desviado do curso por uma tempestade no Atlântico. Durante a estadia desse navio na costa brasileira, Męciński fez uma descrição e um mapa de Pernambuco. No entanto o pe. Alberto Męciński está mais relacionado com o Japão, onde desenvolveu atividade missionária. Torturado, morreu como mártir em Nagasaki, aos 42 anos de idade. V. K. Smolana, Polonia w Brazylii, em: *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, red. M. Kula, Wrocław 1983, p. 332; Pe. J. Pitoń CM, U źródeł emigracji polskiej w Brazylii, em: *Kalendarz Ludu*, Curitiba 1973, p. 96; M. Paradowska, *Podróżnicy i emigranci. Szkice z dziejów polskiego wychodźstwa w Ameryce Południowej*, Varsóvia 1984, p. 14 e 33; M. Paradowska, *Wkład Polaków w rozwój*

---

cywilizacyjno-kulturowy Ameryki Łacińskiej, Varsóvia 1992, p. 23; W. E. T. Słabczyński, *Słownik podróżników polskich*, Varsóvia 1992, p. 222; Z. Malczewski SChr., *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, Lublin 1995, p. 17-18; idem, *Słownik biograficzny Polonii brazylijskiej*, Varsóvia 2000, p. 72.

<sup>5</sup> M. Kawka, Polska obecność w Brazylii, em: *Relacje Polska – Brazylia*, red. A. Dembiczy, M. Kula, Varsóvia 1996, p. 35.

<sup>6</sup> Inserimos a biografia do pe. A. Zieliński no capítulo que apresenta os perfis dos religiosos poloneses e polônios.

<sup>7</sup> *Lud*, 15-7-1953, p. 1; Pe. W. Sojka CM, Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4 (1960), p. 384-394; idem, Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 1 (1961), p. 31-40; M. Paradowski, *Podróżnicy...*, op. cit., p. 215; B. Ostoja Roguski, Um século de colonização polonesa no Paraná, em: *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense*, vol. XXVIII, Curitiba 1976, p. 150-152. V. também: Pe. J. Pitoń, Księża polscy w Brazylii 1948-1984, em: *Zmagania polonijne...*, op. cit., vol. IV, p. 22-176; I. Klarner, *Emigracja z Królestwa Polskiego do Brazylii w latach 1890-1914*, Varsóvia 1975, p. 126.

<sup>8</sup> *Przegląd Emigracyjny*, n° 3, 1893, p. 117.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 183-184.

<sup>10</sup> M. Paradowska, *Wkład...*, op. cit., p. 215.

<sup>11</sup> Pe. S. Turbański SVD, *Murici – terra nossa*, Curitiba 1978, p. 35; idem, *Kościół polski w Kurytybie*, Curitiba 1978, p. 8; idem, *Werbiści – Zgromadzenie Słowa Bożego (SVD)*, em: *Biuletyn Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii*, n° 2, 1977, p. 6-7.

<sup>12</sup> *Lud*, 15-7-1953, p. 1; Pe. J. Pałka CM, Zgromadzenie Księża Misjonarzy w Brazylii, em: *Kalendarz Ludu*, Curitiba 1953, p. 48; Pe. S. Turbański SVD, *Kościół polski...*, op. cit., p. 8.

<sup>13</sup> Pe. W. Sojka CM, Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 1 (1961), p. 45-46.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>15</sup> M. Paradowska, *Wkład...*, op. cit., p. 215. A Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados foi fundada pelo Primaz da Polônia, cardeal Augusto Hlond, em 1932. O principal objetivo da congregação é o trabalho pastoral em prol dos conterrâneos que vivem fora da Polônia. V. *Ustawy i Dyrektorium Towarzystwa Chrystusowego dla Polonii Zagranicznej*, Poznań 1991, cap. 2, p. 9-11; Pe. B. Kołodziej, *Towarzystwo Chrystusowe w Ameryce Południowej 1958-1988*, Curitiba 1989, p. 3-7.

<sup>16</sup> Pe. J. Pitoń, Księża polscy..., art. cit., p. 15-19; Arquivo do autor (a seguir Aa). *Dane Komisji Episkopatu Polski do spraw misji o misjonarzach polskich w Brazylii za 2001 r.*

<sup>17</sup> M. Paradowska, *Wkład...*, op. cit., p. 217; *Todos os pronunciamentos do papa no Brasil*, São Paulo 1980, p. 164; B. Ostoja Roguski, art. cit., p. 156; Aa. *Dane Komisji Episkopatu Polski do spraw Misji o polskich misjonarzach w Brazylii na 2001 r.*

<sup>18</sup> Pe. Z. Malczewski, Duszpasterstwo polskie w Rio de Janeiro, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 3 (1993), p. 425.

<sup>19</sup> M. Paradowska, *Wkład...*, op. cit., p. 215.

<sup>20</sup> Z. Dobosiewicz, *Polonia w Ameryce Łacińskiej*, Lublin 1977, p. 32, 108-109, 159.

<sup>21</sup> Wachowicz R. C., *O camponês polonês no Brasil*, Curitiba 1981, p. 93.

<sup>22</sup> M. Paradowska, *Wkład...*, op. cit., p. 225; experiência pessoal e observação do autor no decorrer de 23 anos de trabalho no Brasil.

<sup>23</sup> Pe. Z. Malczewski SChr., Duszpasterstwo polskie..., art. cit., p. 371.

<sup>24</sup> J. Card. Glemp, *Kościół i Polonia*, Poznań-Varsóvia 1986, p. 23-25.

<sup>25</sup> Aa. *Komisja Episkopatu Polski do spraw Misji. Misjonarze polscy w Brazylii (dane statystyczne z 10 marca 2001 r.)*.

<sup>26</sup> *Membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*, Brasília 1997, p. 338, 16, 67, 79, 195, 132, 288; *Boletim Notícias*, n° 05 (1450), 29-1-1998, p. 1; *Igreja no Brasil. Calendário litúrgico – 2001*, São Paulo 2000, p. 105.

<sup>27</sup> Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), *Anuário católico do Brasil 2000*, Rio de Janeiro 2000, p. 765-1003.

Vale a pena registrar a seguinte observação. Eis que entre os 309 padres que são cidadãos brasileiros encontramos muitos religiosos provenientes da Polônia. O autor conhece pessoalmente muitos deles. Se, portanto, junto a seus sobrenomes é fornecida a nacionalidade brasileira, isso significa que eles adotaram a cidadania brasileira. Seus

---

sobrenomes aparecem igualmente na relação de missionários poloneses fornecida pela Comissão Missionária do Episcopado da Polônia.

<sup>28</sup> De um pronunciamento por escrito (abril de 2001).

<sup>29</sup> De um pronunciamento por escrito enviado ao autor da monografia (abril de 2001).

<sup>30</sup> De um relato por escrito enviado ao autor (abril de 2001).

<sup>31</sup> Pe. Z. Kruża MSF, *Polscy misjonarze Sw. Rodziny w Brazylii*, Bąblin 1979, p. 31-32.

<sup>32</sup> R. Dzwonkowski SAC, *Integracja emigrantów w przemówieniach Jana Pawła II do Polonii*, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4 (1989), p. 493.

<sup>33</sup> Danuta Sobieska, ao participar de uma reunião pastoral polônica em Bruxelas, no dia 24 de agosto de 1994, apresentou a problemática do “ingresso” de um padre polonês num novo ambiente emigratório: “... O padre que vem da Polônia deve conhecer a língua e a cultura do país em que terá de trabalhar, conhecer a Igreja local e a sua história, mas não apenas isso: deve falar a língua dos emigrantes, conhecer a sua cultura e tradição, deve fazer um esforço para conhecer a comunidade polônica que ali reside, que tem as suas tradições, a sua vida social e organizacional amplamente desenvolvida, a sua difícil e longa história, bem como a sua grande experiência”. V. D. Sobieska, *Polska Rada Duszpasterska Europy Zachodniej*, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 1 (1998), p. 61.

<sup>34</sup> Saudação do Pe. Francisco de Assis Pereira, Representante dos Presbíteros, 13 de outubro – em Natal (RN), em: *Palavra do Santo Padre ao Brasil*, São Paulo 1991, p. 230.

<sup>35</sup> Z. Malczewski SChr., *W służbie Kościoła i Polonii. Towarzystwo Chrystusowe: Funkcje społeczne i duszpasterskie w środowisku polonijny w Ameryce Łacińskiej*, Varsóvia 1998, p. 240-241.

<sup>36</sup> O pe. Zbigniew Minta SChr. Veio ao Brasil em agosto de 1998. A informação citada foi fornecida ao autor em fevereiro de 2001.

<sup>37</sup> O pe. Gregório Koziński veio ao Brasil no início de 2000. A citação provém de uma informação fornecida ao autor em fevereiro de 2000.

<sup>38</sup> *El misionero*, direção e cenário Wojciech Staroń. Apresentação: Canal+, 21-12-2000.

<sup>39</sup> Pe. A. Boniecki MIC, *El misionero*, em: *Tygodnik Powszechny*, 17-12-2000, p. 16.

<sup>40</sup> Aa. Pe. A. Sobczyk SChr., *Recordações da minha breve vida de emigrante*, março de 2001, dat.

<sup>41</sup> J. L. Wonsowski. *Nos peraus do rio das Antas*, Caxias do Sul – Porto Alegre 1976, p. 58 (foto); A. V. Stawinski, *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre 1999, 2.ed., p. 69, 79; *Zmagania polonijne w Brazylii*, vol. I, red. T. Dworecki SVD, Varsóvia 1980, p. 36; M. Paradowska, *Wszystko dla Boga i Polonii. Życie i dzieło ks. Ignacego Posadzego*, Poznań 1998, p. 141.

<sup>42</sup> Pe. J. Pitoń CM, *Polscy księża w Brazylii*. O. Andrzej Manuel Wolsztyniak OP, 1857-1949, em: *Lud*, 1-5-1968, p. 2.

<sup>43</sup> Pe. Z. Kruża MSF, *Polscy misjonarze...*, op. cit., p. 30.

<sup>44</sup> *Zmagania polonijne w Brazylii*, vol. I, red. T. Dworecki SVD, Varsóvia 1980, p. 13-29.

<sup>45</sup> Pe. W. Sojka CM, *Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii*, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4 (1960), p. 379.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 380. No citado artigo, no que diz respeito ao número de religiosos no Brasil, o pe. Sojka fornece dados interessantes. Em 1759 o Brasil possuía três milhões de habitantes e 2.700 padres, enquanto que em 1859 havia 14 milhões de habitantes e apenas 570 padres. V. *ibid.*, p. 379-380.

<sup>47</sup> Paróquia de São João do Triunfo (PR), *Livro tombo*, vol. I, p. 30-31. Carta circular do bispo Duarte Leopoldo e Silva ao clero da diocese do dia 2 de janeiro de 1905.

<sup>48</sup> *Zmagania polonijne...*, op. cit., vol. I, p. 40.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 44-45.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>52</sup> Pe. W. Sojka, *Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii*, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4 (1960), p. 381.

No entanto os imigrantes poloneses queriam ter o seu sacerdote. “O povo polonês não quer sacerdotes brasileiros, cuja fala e ritual não compreende e, da mesma forma que evita o ritual da igreja brasileira, também não dá a mínima importância – como diz – à fé brasileira. Trata-se de uma repulsa instintiva do ato de abasileiramento, e a isso tendem os esforços do chamado partido histórico (republicanos do tempo do Império)”. V. *Przegląd Emigracyjny*, nº 3, 1893, p. 183-184. O mesmo *Przegląd Emigracyjny* (Revista da

---

Emigração) escrevia em 1894: “... Eis que o alto clero não vê de boa vontade, entre a população polonesa, paróquias assistidas por padres poloneses. Preferiria ver padres brasileiros que falam a língua portuguesa, e é estes que impõe às colônias polonesas. Os colonos poloneses não têm confiança nos padres cuja fala lhes é desconhecida e também absolutamente não os compreendem. A irritação dos colonos poloneses chega a tal ponto que algumas vezes os expulsam brutalmente das paróquias, sem levar em conta as vestes sacerdotais; o camponês polonês simplesmente não acredita que um padre, que com ele não é capaz de se entender de forma compreensível, possa confessá-lo, pronunciar-lhe um sermão, celebrar os ritos religiosos em sua língua etc. Mas por outro lado o alto clero, isto é, os bispos e os capítulos, não aprovam de bom grado padres poloneses em paróquias de população polonesa. Por isso na realidade os colonos poloneses, na maior parte dos casos, especialmente nas colônias recém-criadas, ou não dispõem absolutamente de padres e ficam completamente privados de assistência religiosa, ou contam com um padre não nomeado e não aprovado pelo bispo. Por isso a irritação é tão grande que a autoridade eclesiástica superior, sem examinar a questão a fundo, lança contra toda a colônia, juntamente com seus padres, palavras de má vontade e ameaças de excomunhão, enquanto os colonos ameaçam afastar-se da Igreja católica e criar uma paróquia independente do bispo. E a ameaça facilmente pode ser cumprida, porque a autoridade civil absolutamente não se intromete nessas questões. Dessa situação resulta que se criam entre a população polonesa contingentes inteiros de pessoas não instruídas na religião católica e inteiramente indiferentes a ela, ou que são apóstatas da fé dos antepassados. Esse mal nas colônias polonesas do Brasil pode ser facilmente afastado pela organização de missões polonesas. O missionário na realidade é dependente do bispo em cuja diocese se estabelece; mas esse mesmo príncipe da Igreja não tem contra ele nenhum preconceito e sem motivo não pode proibir a um emissário da autoridade missionária superior que cumpra as suas obrigações sacerdotais...”. V. *Przegląd Emigracyjny*, 1-2-1894, p. 1; *ibid.*, nº 5, 1-3-1894, p. 197.

<sup>53</sup> Paróquia de S. João do Triunfo (PR). *Livro tombo*, vol. I, p. 30-31. Carta circular do bispo Duarte Leopoldo e Silva ao clero da diocese do dia 2 de janeiro de 1905; pe. W. Sojka, *Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii*, em: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4 (1960), p. 381.

<sup>54</sup> Arquivo dos Padres vicentinos em Curitiba. Pasta: Reitoria da Missão Católica Polonesa 1955-1962.

<sup>55</sup> R. Azzi, *A vida religiosa no Brasil*, São Paulo 1983, p. 20-21.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>57</sup> Z. Malczewski SChr., *W służbie...*, op. cit., p. 242.

<sup>58</sup> Aa. Pe. A. Sobczyk SChr., „Minhas recordações de uma breve vida de emigrante”, março 2001, dat.

<sup>59</sup> CNBB, *A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões: Puebla*, São Paulo 1979, p. 249-259; *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, Santo Domingo – Texto oficial*, São Paulo 1992, p. 119-125.

<sup>60</sup> CNBB, *Comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*, São Paulo 1986, p. 29-31.

<sup>61</sup> CNBB, *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998*, São Paulo 1995; CNBB, *Rumo ao Novo Milênio. Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande Jubileu do ano 2000*, São Paulo 1996.

<sup>62</sup> V. a biografia do pe. Komorek no capítulo que apresenta os perfis dos missionários poloneses e polônicos no Brasil